

Demorou, mas a tal realização chegou

Nas últimas duas semanas, o que mais se ouviu entre os profissionais era que a recuperação da bolsa estava muito esticada e que, com base nos fundamentos econômicos, faria todo sentido uma realização de lucros. Pois é, demorou, mas essa tal realização enfim chegou. O Índice Bovespa passou o dia inteiro em queda acentuada, chegando a cair mais de 4%, para encerrar o dia em baixa de 3,54%, aos 52.086 pontos. A divulgação de indicadores ruins no cenário externo foi o catalisador desse recuo nos preços. A principal pergunta que rondava ontem as mesas de operações das corretoras é se essa queda já foi suficiente ou se virá mais por aí. Na visão de alguns profissionais, dificilmente ocorrerão vários pregões seguidos com quedas na magnitude da de ontem. No entanto, eles acreditam que novas baixas ainda estão por vir, até que os ativos voltem a refletir exatamente os fundamentos da economia que existem hoje.

"A bolsa subiu muito nesses últimos dois meses, portanto, essa queda de 3% em apenas um pregão não é suficiente para tirar o tom exagerado de otimismo que tomou conta do mercado", diz o gestor de renda variável da Infinity Asset Management, George Sanders. A boa notícia é que, nos últimos dias, saíram alguns dados positivos das economias americana, europeia e chinesa que justificam uma realização de lucros menor do que se previa anteriormente.

Índice Valor/Bovespa

Ações da 2ª linha

Base = 1.000 em 30/12/99



Valorização	
No dia	-3,01%
No mês	-2,79%
No ano	22,06%

Fonte: BMAF/Bovespa

Antes desses números, Sanders acreditava que o Ibovespa em 52 mil pontos estava valorizado demais e que um nível entre 45 mil e 46 mil pontos seria interessante para compra. Hoje, o gestor acha o índice "caro" em 54 mil pontos e "barato" em 48 mil pontos. "Com a melhora dos indicadores externos, o piso e o teto do Ibovespa subiram, acompanhando essa evolução econômica global", diz Sanders. Se os números do gestor estiverem certos, o índice ainda terá de cair mais 7,84% até se tornar atraente novamente, na casa dos 48 mil pontos.

O alto volume financeiro de ontem, R\$ 6,489 bilhões, também pode ser interpretado como um sinal de que os investidores estão mais dispostos a se desfazer das ações, embolsando os ganhos, do que em outros momentos recentes de queda. Esse movimento também era de se esperar, já que ninguém quer deixar de ter lucro vendo o bonde da realização passar. É o bom e velho efeito manada que, assim como ocorre na alta, também vale para a queda. O raciocínio é o mesmo: assim que começa a baixa, uma venda chama a outra, pois ninguém quer ser o último a apagar a luz, segurando uma papel que todo mundo já vendeu.

A grande preocupação é com o investidor estrangeiro, que foi quem promoveu essa alta recente. Obviamente que ele fará estragos se resolver tirar todo o dinheiro que colocou na Bovespa nas últimas semanas. De qualquer forma, os analistas continuam convictos de que esta é apenas uma realização, e não uma volta a uma longa tendência de queda.

Más notícias

Os indicadores americanos contribuíram para o mau humor da bolsa. Um deles foi o indicador do Instituto de Administração do Abastecimento (ISM) de serviços, que subiu de 43,7 em abril para 44 o mês passado, mas ficou abaixo da expectativa de 45. O número de encomendas à indústria subiu 0,7% em abril, enquanto se esperava uma alta de 1%. O discurso do presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central americano), Ben Bernanke, alertando para o déficit orçamentário de quase US\$ 2 trilhões e a necessidade futura de se cortar os incentivos à economia, também foi uma forma da autoridade acalmar a euforia. Já no Brasil, o fato de a Exxon Mobil, a maior empresa americana de petróleo, dizer que continua avaliando o potencial do seu poço de Guarani levantou desconfiças sobre o potencial na região do pré-sal. Ontem, as ações ordinárias (ON, com direito a voto) da Petrobras caíram 4,43% e as preferenciais (PN, sem direito a voto), 4,05%.

Más notícias

Os indicadores americanos contribuíram para o mau humor da bolsa. Um deles foi o indicador do Instituto de Administração do Abastecimento (ISM) de serviços, que subiu de 43,7 em abril para 44 o mês passado, mas ficou abaixo da expectativa de 45. O número de encomendas à indústria subiu 0,7% em abril, enquanto se esperava uma alta de 1%. O discurso do presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central americano), Ben Bernanke, alertando para o déficit orçamentário de quase US\$ 2 trilhões e a necessidade futura de se cortar os incentivos à economia, também foi uma forma da autoridade acalmar a euforia. Já no Brasil, o fato de a Exxon Mobil, a maior empresa americana de petróleo, dizer que continua avaliando o potencial do seu poço de Guarani levantou desconfiças sobre o potencial na região do pré-sal. Ontem, as ações ordinárias (ON, com direito a voto) da Petrobras caíram 4,43% e as preferenciais (PN, sem direito a voto), 4,05%.